

Fado
22 Abril '09

Mulheres ao Espelho Aldina Duarte

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Voz Aldina Duarte
Guitarra portuguesa José Manuel Neto
Viola Carlos Manuel Proença
Som Alfredo Almeida
Luzes Paulo Mendes
Produção executiva Rita Bernardo

Qua 22 de Abril
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12

Mulheres ao Espelho

Aldina Duarte deixou-se ser gente muito antes de se permitir ser fadista – aprendendo, com todo o deleite e vagar do mundo, o que a vida lhe podia oferecer e, sobretudo, o que não oferecia e às vezes era preciso ir lá arrancar-lhe. Essa sua grande sabedoria – que é simultaneamente uma ingenuidade mágica e uma força natural que cativam logo quem a conhece – deu-lhe, entre outras coisas maiores que não cabem na página, uma capacidade (rara entre os artistas) de, sem nunca deixar de ser quem é, poder afinal ser diferente a cada novo encontro, projecto, espectáculo. Não admira, pois, que existam tantas mulheres no seu espelho... Mulheres que são as várias Aldinas que lhe estrebucham no peito e saem numa voz que nunca se põe em bicos de pés – porque nela é a forma que faz brilhar a substância (e pode haver maior incandescência?) –, mas também mulheres que ela foi tomando como exemplo na vida e no fado, coisas que agora já se podem misturar sem atrito, porque ela também já não é ela sem o fado.

Mas, se nenhum dos seus discos anteriores se pode considerar gesto precipitado ou aventura precoce, a verdade é que *Mulheres ao Espelho* também não pode deixar de ser visto (ouvido) como o seu trabalho mais maduro, pois, sem o músculo da experiência, a atenção e a generosidade teriam um andar demasiado coxo para conseguirem chegar ao destino. E aqui não: o mergulho na tradição sai de cara lavada e moderna, feito a melhor homenagem; e o chicote da vida, mais do que ferida aberta, é pura lição para o renascimento.

O disco regista uma única Aldina, e isso já é mais do que aquilo a que temos direito; mas coloque-se agora este espelho diante de nós, num palco, e deleitemo-nos: porque a Aldina, sendo única, há-de ser ao vivo sempre outra, de fado em fado, como num infindável jogo de espelhos.

María do Rosário Pedreira

“A voz de Aldina é soberba, capaz do grito fadista, do rasar pelo não-canto, da confidencialidade das palavras. São interpretações sempre inteligentes que nos levam para o lado da tradição musical mais intensa.”

Eduardo Prado Coelho in *Público*

“Ouvir Aldina Duarte é mais do que esse prazer doloroso a que se chama Fado, é uma experiência de vida.”

“*Mulheres ao Espelho* é um tratado em forma de CD sobre a feminina arte da sobreposição dos tempos.”

“O que a voz da Aldina nos oferece, acompanhada pelo talento de José Manuel Neto (guitarra portuguesa) e Carlos Manuel Proença (viola), é uma viagem sentimental que desconstrói as ideias feitas sobre a paixão e a perda, a felicidade ou o desespero.”

Inês Pedrosa in “Única”, *Expresso*

“Canta sobre mulheres tristes mas corajosas. Ao mesmo tempo enobrece a sedução feminina casada, ou amante ou simplesmente apaixonada. Sem fazer juízos morais ou ditar princípios. Cada tema é um fado e limita-se à sua enorme simplicidade.”

“*Mulheres ao Espelho* é um disco de histórias que começa no fim, com o arripio de uma vida que se vai e acaba no princípio, com o princípio de uma nova vida, conhecido o desencanto.”

“A sua voz atinge uma emotividade e uma expressividade mais profundas, sem contudo abandonar os traços característicos do seu reconhecível estilo fadista. Um grande disco!”

Nuno Pacheco in *Público*

“Há qualquer coisa de genuíno nesta mulher ao ponto de passar a sensação de que não canta uma só letra que não tenha protagonizado (...). Primeira linha, grande.”

João Govern

“O seu novo disco, *Mulheres ao Espelho* é precisamente isso: limites transformados em virtudes.”

“*Mulheres ao Espelho* está cheio de belos temas, desde o fado mais intimista e trágico até interpretações mais solares.”

João Miguel Tavares

“Atravessa os interstícios da modernidade cheia das bagagens da tradição, casando o património das músicas tradicionais do fado com as letras que ela própria escreve.”

“Letras que falam do que não deixou ainda de estar mal, do que a indigna, do que a entristece. Nunca o fado esteve tão próximo do combate político.”

Sara Adamopoulos in *Notícias Magazine*

“Desengane-se quem pensa que o disco tem o tom do lamento. Pelo contrário, será até o mais luminoso dos seus três trabalhos e aquele em que concretiza a sua paixão pela poesia, ao incluir cinco poemas da sua lavra.”

Vanessa Fidalgo in *Vidas*

“Obrigatório para quem gosta de emoções fortes.”

RM in *Blitz*

“A música, a música do fado, escorre pelo menor, pelo mouraria, pelos clássicos, tudo estilado por alguém que não brinca ‘às fadísticas’ e que se impõe a si própria uma postura completamente outra no que diz respeito à geração que acabou de chegar ao prémio da montanha do fado.”

“Se o Fado tivesse escola, no sentido académico do termo, Aldina Duarte seria uma aluna exemplar.”

Carlos do Carmo

“A textura da voz, a intenção da leitura, a respiração que toma as rédeas do peito e que respira quando nós nos sustemos, a força telúrica capaz de devolver à terra tudo o que à terra pertence, o drama e a dádiva, principalmente a dádiva das coisas simples e eternas da vida, é que me levam mar adentro. Se tudo isto é fado, tudo isto é Aldina!”

João Monge

“Ela canta a flor, a dor, a mácula, cama desfeita, amor perdido, vida traída, canta tristeza, canta o que canta – e dá-nos baixinho cá dentro, a alegria de quem descobre o segredo, segredo da vida ou talismã. Canta como quem nos convida a ser amigos dela, aqui para a gente, entre nós que ninguém nos ouve.”

Jorge Silva Melo

“...enquanto vou ouvindo este CD aqui na minha sala, continuo a ter a sensação de que Aldina está em casa, em sua casa, a falar francamente comigo, cara a cara, sem jogo de artifícios. E o que ela diz é intenso, sentido, se o fado é fundamentalmente sentimento, então Aldina tem o condão de me fazer pensar, no momento em que canta. Assim, também eu sou amante do fado.”

Jorge Palma

“Chegou então a hora de Aldina se contar mulher, mulheres. Terá sido a imagem no espelho a exigí-lo, a ela que nunca nele se viu desacompanhada? Ou foi Aldina quem quis contar as mulheres que nessa imagem, a seu lado, reconhecia?”

Maria João Seixas

“Aldina Duarte é uma criadora, e isso transpira de forma gritante nos fados que tão bem canta. E eu, que não sou apreciador de fados mas gosto de boa música e também gosto de pensar que até a reconheço, odiando ter que pôr rótulos nela, rendi-me à sua.”

Carlos “Pac” Neves



Aldina Duarte

Nasci em Lisboa. Cresci em Chelas num bairro social. A minha mãe alertou-me para a importância de aprender com tudo o que visse e ouvisse. Falou-me da importância de usar a imaginação e os sonhos para superar as dificuldades da vida. Ensinou-me a acreditar na vida e a ouvir o coração.

Comecei a trabalhar com 20 anos num jornal, depois numa rádio e por fim no Centro de Paralisia Cerebral. Comecei por cantar no coro de um grupo meio musical, meio teatral, 'Valdez e as Piranhas Douradas', enquanto trabalhava no CPC. A minha alegria passou para o meu trabalho e gosto de pensar que os meus alunos têm hoje memórias que tornam as suas vidas mais agradáveis. Entre a minha vida diurna e a minha vida nocturna, durante um ano, participei no filme *Xavier*, de Manuel Mozos, a cantar um fado; recordei o fado *A Rua do Capelão*, porque as filmagens eram mesmo na Rua do Capelão, na Mouraria. Os moradores da zona bateram tantas palmas que tive de repetir o fado só

para eles ouvirem. Nunca mais esqueci essa noite e desde então sempre senti um grande respeito por esta arte.

Mais tarde, comecei a tirar tons na casa de fados onde, pela primeira vez, ouvi Beatriz da Conceição, recomendação imperativa do realizador Jorge Silva Melo, a quem fiquei de levar uma entrevista desta artista para ser utilizada num documentário sobre o fado; falámos de fado e da sua vida de fadista. Fiquei apaixonada por tudo o que ouvi, pedi-lhe conselhos, falou-me de tudo o que é mais importante no fado. Quis ser fadista. Passei dias a ouvir muitos discos de fado, noites a ouvir muitos fadistas, meses a ler e a decorar poemas. E o primeiro espectáculo que fiz foi para os funcionários do CPC. Emprego que acabei por deixar.

Cantei fado, numa peça de teatro *Judite Nome de Guerra*, de Almada Negreiros, encenada por Germana Tanger, no Teatro S. Luís. Foi o primeiro teatro em que estive no palco. Ganhei a noção do quanto estas profissões têm de sagrado, achando cada vez mais que muito mais havia para aprender. Pouco tempo depois, fui fazer os fins de semana na Casa do Registo da Mãe d'Água, uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, "Noites de Fado nas Festas da Cidade". Comecei a achar que a comunicação era maior quando cantava em locais mais pequenos. Depois, veio a televisão, um programa de Filipe La Féria, *Grande Noite*. Ao fim de três programas senti que não estava no lugar certo, havia muitas luzes, estava sempre a mudar de roupa, a entrar e a sair de cena, não conseguia concentrar-me no que cantava e achei que não sabia o suficiente para merecer estar ali.

Depois deste começo, parei para ver o que queria fazer. Criei as *Noites de Fado no Teatro da Comuna*, com a ajuda do encenador João Mota e Paulo Anes, com quem muito aprendi sobre a seriedade e a beleza do teatro, da poesia e do fado. Senti-me em casa, entendida e apoiada. Foram criadas condições para aprender o essencial para me tornar uma fadista profissional. Trabalhei com o Camané, a sua genialidade como artista era marcante, o seu saber como fadista era uma lição permanente, o seu amor à sua profissão era um compromisso para a vida toda, o seu apoio ao meu trabalho ajudaram-me a tomar a decisão de ser fadista profissional. Convidávamos, uma vez por mês, os fadistas que admirávamos e os actores que diziam poesia de poetas portugueses, Beatriz da Conceição, Manuel de Almeida, Maria da Nazaré, Carlos Paulo e Manuela de Freitas. Com o apoio incondicional dos grandes amigos de sempre, as pessoas enchiam as nossas noites, os jornais falavam muito e bem da ideia, o público era composto por gente nova, menos nova, ricos e pobres, famosos e anónimos.

Recebi um convite para trabalhar, todas as noites, na casa de fados, o Clube de Fado, do Mário Pacheco, guitarrista. Era como se tivesse conseguido ter nota para uma entrada difícil na escola dos fadistas, a casa de fados. Quis criar durante o meu momento de cantar qualquer coisa do que havia sentido na minha passagem pelo Teatro S. Luís e na minha experiência na Comuna. Mantive os rituais que sempre achei distintos e belos no fado: o xaile preto, o vestido preto, discreto e elegante, o silêncio, a luz baixa, tudo o que sempre me deslumbrou desde a primeira vez que vi e

ouvi diversos fadistas que, tantas vezes, diziam, «O fado é uma coisa muito séria porque é sagrado». Fui bem sucedida, acabando por ser convidada a cantar noutras casas de fado e a participar em diversos espectáculos.

Um dia, surgiu um convite para o estrangeiro, um importante teatro europeu, o Piccolo Teatro de Milão, para cantar fado numa peça sobre a vida de Fernando Pessoa, *Os últimos Três Dias de Fernando Pessoa*, escrita por António Tabucchi e dirigida por Giancarlo Dettori (actor principal) / Lamberto Puggelli (encenador) / Giorgio Strehler (o Mestre). Desta experiência trouxe muito do que quero hoje para a minha vida e para o meu fado. O respeito dos artistas pelo público é total, jamais lhes mentem no que quer que seja, a gratidão é sempre declarada, a luta pela defesa de tudo o que é cultura dum povo, a devoção do público aos seus artistas é total, pois o público que eu vi entrega aos artistas o seu património e os artistas fazem tudo para merecer tal confiança. Desde a costureira, passando pela cozinheira, até aos Mestres, todos entoam as suas canções, todos lêem os seus escritores, todos querem saber mais sobre as suas artes e a sua história.

Voltei cheia de saudades de Lisboa, da minha família, dos meus amigos, mas também da vida que de lá trazia. A riqueza artística e humana que eu vi lá também a vejo cá. Comecei a ter mais cuidado no que cantava e como cantava. Ouvi sempre com total atenção o que o José Mário Branco dizia, «o silêncio também é música», durante as gravações dos discos, ao Camané e aos músicos que o acompanhavam. Fui para outra casa de fados, onde permaneço

até hoje, “Sr. Vinho”, a casa de Maria da Fé, a quem oiço dizer que o fado é sempre um mistério, nunca sabemos como estamos e o que vamos conseguir fazer, tudo o que temos no coração aparece no que cantamos. Como a Manuela de Freitas muitas vezes diz, «o poema tem que ser cantado de dentro».

E agora começou a nova aventura, uma nova aprendizagem, os concertos; levar o Fado, este fado, o meu fado, o nosso fado, para outra dimensão e protegê-lo de adversidades ou perversões várias, aprendendo a conhecer profundamente esse lugar chamado Palco e esse círculo alargado de ouvintes chamado Público. Em Portugal, o local de eleição de sempre e para sempre desta arte exclusivamente nossa; os melhores aqui na nossa terra, serão sempre os melhores no mundo, porque somos únicos, e os únicos que sabemos como ninguém poderá saber e sentir esta arte, a solidão e a ignorância entre fadistas e portugueses poderão, às vezes, fragilizar quem se entrega à defesa e descoberta desta estranha forma de arte e de vida tão antiga e simultaneamente nova, salvando-se sempre na perspectiva permanentemente renascida duma eternidade possível!

Vou cantando para além de Lisboa, o ponto de partida do meu fado para todo o lado, e de onde parto e aonde regresso sempre para tudo, para cantar o meu fado quer a Norte quer a Sul de Portugal... por cá alargam-se os espaços e cresce o número de corações que me ouvem no que tenho para lhes cantar, o que é uma grande responsabilidade e um desafio... lá por fora a não compreensão da língua ainda não bloqueou a partilha do essencial, pelo contrário,

em Marrocos, em Viena de Áustria, na Bélgica – a cantar para José Saramago e para o seu público (todos tradutores especializados na obra do escritor a quererem saber mais p’la boca do próprio) – e de volta ao Piccolo Teatro de Milão agora para apresentar o meu trabalho de *Apenas o Amor*, onde encontro desde sempre pessoas com quem aprendo e desperto para o essencial; desta vez conheci o trabalho e pessoalmente um Grupo de Teatro da Palestina, um grupo de actores, músicos e um encenador que se juntam no meio duma guerra para alimentar a criação artística que dizem que os ajuda a acreditar na paz e na felicidade para que afinal todos nascemos...

E a mim cabe-me dar tudo a cantar, também em palcos como o Grande Auditório da Culturgest, para merecer convites como o de Miguel Lobo Antunes, para quem um gesto de cultura passa também pelo encontro e pela conversa “cara a cara” entre quem convida e quem é convidado, para se verem e ouvirem a pensar alto sobre o trabalho em causa e a vida em geral... o que à partida me fez sentir em casa porque acredito na existência da minha arte (e na das artes em geral!) como algo essencial na construção de um mundo melhor, mais sensível, inteligente... mais desperto e mais humano!

Regresso sempre a casa com orgulho e gratidão pela grandeza desta arte que preserva cuidadosamente uma música que nasceu para a servir, a nossa língua na sua forma mais inteira no som e no silêncio, a palavra escrita, a palavra dita, a palavra cantada, a Poesia. Como diria o poeta, Teixeira de Pascoaes, «não fora a palavra e ainda andávamos repletos de pêlos!»

De cada partida regresso com a certeza de estar ligada a esta terra acima de tudo porque sou fadista, seria incapaz de exercer esta profissão fora desta morada; andei “lá por fora”, Itália, Espanha, França e Holanda, com permanência duradoura em Amesterdão, cidade que me encantou à laia dum conto de fadas. Todas estas minhas primeiras viagens pelo mundo são mais um motivo de gratidão à minha profissão, porque aprendo infinitamente com todas e tantas diferenças culturais, geográficas e humanas que só as viagens nos ensinam, porém, quando a distância de Lisboa é demasiada a minha motivação para cantar enfraquece, como se lhe faltasse o alimento que só pode vir de todos os afectos com que cresci e cresço dia-a-dia. Quero continuar a partir, por curtos espaços de tempo, só para redimensionar o regresso... a mim e aos meus amores!

Continuando pela vida, fazendo o meu caminho, ando a descobrir(me) no meu último disco *Crua* e no concerto outros sentidos dentro do mesmo caminho; consegui fazer o *Crua* só com letras do João Monge sobre músicas do Fado Tradicional! Enquanto intérprete, sem falsas modéstias, tenho a certeza que cresci com esta oportunidade única; canto alguém de muito talento, o letrista João Monge, que vive no mundo e no tempo em que vivo, a criatividade construtivamente confrontada, questionada e discutida com quem acredita e ama a nossa arte como nós, com todas as semelhanças e diferenças que nos unem, permitiu-me aprofundar o meu trabalho e, sem espanto, a própria vida!

Neste momento, em Abril de 2008, outra revolução na minha vida artística,

inauguro a minha Editora e Produtora Musical, RODA-LÁ MUSIC, através da qual editei o meu terceiro disco, *Mulheres Ao Espelho*, em Junho de 2008, (re)iniciando uma nova e determinante etapa nesta minha jornada para a felicidade. E espero, sinceramente, que seja também a felicidade de outros, para além de mim, senão nada disto faz sentido. Estou grata à Vida. E reconhecida aos profissionais extraordinários que me rodeiam neste novíssimo ciclo da minha profissão, que por sorte ainda são meus amigos.

A estrear, em 2009, um filme de Manuel Mozos, produzido pela Midas, um projecto da autoria de Maria João Seixas, que se chamará *Aldina Duarte: Princesa Prometida*.

Caldo Disio

Desejo Ardente

Percurso poético e musical para violetista e recitante



Música / Poesia Qui 23, Sex 24 Abril
Pequeno Auditório · 21h30
Duração: 1h15 · M12

Recitante Federico Sanguinetti
Viola Christophe Desjardins
Encenação Cesare Scarton **Video** Giuseppe Tandoi **Em colaboração com** Embaixada de França *Suona Barocco*, Alliance Française de Avelino, Associazione Nuova Consonanza, Fondazione Musica per Roma.

Caldo Disio, projecto musical e poético nascido do encontro do violetista Christophe Desjardins com o filólogo Federico Sanguinetti, apresenta-se em estreia na Culturgest e dá a palavra às mulheres escritoras e poetisas da época medieval e do Renascimento que denunciaram, à frente do seu tempo, um mundo masculino e defenderam, através da literatura, os direitos das mulheres.

O espectáculo, encenado por Cesare Scarton, reúne os textos escolhidos por Sanguinetti e composições para viola, música antiga e também música contemporânea composta especificamente para este projecto. Aos textos de Dante Alighieri (1265-1321), Giovanni

Boccaccio (1313-1375), Moderata Fonte (1555-1592), Lucrezia Marinella (1571-1653) e Arcangela Tarbotti (1604-1652), respondem a música de Gilles Binchois (1400-1460), Johannes Ockeghem (1410-1497), Domenico Gabrielli (1651-1690), e ainda duas obras em estreia, compostas por Gianvincenzo Cresta (n.1968) e Fausto Sebastiani (n.1962), que estabelecendo um laço subtil com a música antiga, interpretam a relação com o passado.

À leitura masculina das vozes femininas responde a voz da viola, a música abre caminhos que iluminam esta visão do mundo, a história de uma emancipação.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Carmo Rolo

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Filipa Ferro estagiária

Patrícia Paixão estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
